

SEQUENCIÇÃO: ATIVIDADES ESCRITAS DE COESÃO PARA COMPOR UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE ARTIGO DE OPINIÃO

SEQUENCING: WRITTEN COHESION ACTIVITIES TO COMPOSE A DIDACTIC SEQUENCE OF OPINION ARTICLES

Viviane Pinho da Silva
UNITAU

Resumo: O objetivo deste artigo é o de apresentar atividades de sequencição textual para compor uma Sequência Didática para o ensino do gênero textual artigo de opinião para alunos do 3º ano do Ensino Médio. Tomando o Interacionismo Sociodiscursivo como fonte de referência, a pesquisa e discussão envolvidas neste estudo associam os pressupostos teórico-metodológicos desta corrente aos aportes da Linguística Textual. O foco de estudo é a sequencição textual como recurso coesivo importante para a manutenção temática em um texto. Os resultados apontam para a importância de se desenvolver capacidades linguístico-discursivas através de atividades escritas de coesão.

Palavras-chave: Coesão. Sequencição. Manutenção temática. Capacidades linguístico-discursivas. Atividades escritas.

Abstract: *This article aims to present an activity of cohesion that can take part in a didactic sequence for teaching the text genre opinion article to students of third grade of High School. Based on Sociodiscursive Interactionism, the research and discussion presented here associate the theoretical-methodological assumptions from this current to contributions of Textual Linguistics. The focus of this study is textual sequencing as an important cohesive resource for the thematic maintenance in a text. The results indicate the importance of developing linguistic-discursive abilities through written activities of cohesion.*

Key-words: *Cohesion. Sequencing. Opinion article. Linguistics skills. Written activities.*

1. INTRODUÇÃO

Há algum tempo, o modo de ensinar línguas tem sido uma questão para pesquisa ao redor do mundo. É reconhecido pela comunidade acadêmica internacional que é preciso haver novas práticas, pois a velha e descontextualizada didática tem sido banida para dar lugar ao uso de gêneros textuais como aporte para o ensino de língua. É com essa inquietação que propomos este trabalho. A questão

central que norteia este artigo é: que atividade coesiva dentro de uma Sequência Didática (SD, de agora em diante) pode ser proposta a alunos do 3º ano do Ensino Médio que, além de levá-los a apenas completar espaços em branco, faça-os refletir sobre como a escolha lexical vai interferir na produção de sentido do texto? A fim de respondermos esta questão e atingir os objetivos expostos adiante, consideramos necessário recorrer ao Interacionismo Sociodiscursivo (ISD, de agora em diante) e à Linguística Textual como aportes teórico-metodológicos.

Tomando o ISD como fonte de referência (BRONCKART, 2012; MACHADO, 2005), a pesquisa e discussão envolvidas neste estudo associam os pressupostos teórico-metodológicos dessa corrente aos aportes da Linguística Textual (KOCH, 2003; KOCH; ELIAS, 2009). A coerência entre estas duas teorias não acontece ao acaso. Vejamos, em Bronckart (2012), a coesão textual aparece como um mecanismo de textualização que caracteriza os textos. Sendo assim, Machado (2005) considera que a coesão textual deve ser ensinada a partir do trabalho com gêneros textuais. Entretanto, nem Bronckart, nem Machado explicam detalhadamente o que vem a ser sequenciação coesiva. Dessa forma, recorreremos também à Linguística Textual. O gênero textual tratado aqui é o artigo de opinião e, à luz do ISD, temos neste construto uma atividade de linguagem de dimensão social, materializado em forma de texto.

Como já apontado por Machado (2005), as sequências didáticas que têm sido utilizadas como procedimentos para o ensino de leitura e produção textual nas diferentes escolas brasileiras, sejam de educação básica, seja de educação superior, são compostas por atividades que desenvolvem as capacidades de ação e as capacidades discursivas dos alunos, entretanto não apresentam atividades para desenvolver as capacidades linguístico-discursivas. As sequências didáticas deveriam também desenvolver as capacidades linguístico-discursivas, pois elas “permitem levantar os pontos problemáticos e construir *corpora* de “frases a serem melhoradas. [...] Trata-se, portanto, de desenvolver nos alunos capacidades de análise que lhes permitam melhorar seus conhecimentos” (Dolz e Schneuwly, 2004, p. 97). Esses são, portanto, os principais motivos para a realização desta pesquisa.

Analisando os materiais de apoio ao professor elaborados pelos órgãos do sistema educacional, também verificamos essa ausência. Há, por exemplo, o material desenvolvido por Barbosa (2006) sob a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas proposto à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e utilizado pelas escolas de ensino médio do estado que apresenta uma sequência didática para o ensino do artigo de opinião com nenhuma atividade de sequenciação textual. Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar atividades de coesão textual que possam compor uma Sequência Didática para o ensino do gênero textual artigo de opinião para alunos do 3º ano do Ensino Médio, cuja meta é prestar o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e obter excelente nota na redação. Especificamente, a pesquisa buscou desenvolver, através de atividades escritas, capacidades linguístico-discursivas para que o aluno possa produzir um artigo de opinião ao final da sequência didática proposta, tendo conhecimento e fazendo uso de elementos coesivos do processo de sequenciação.

O *corpus* utilizado para compor este trabalho é um artigo de opinião extraído da Revista Época de abril de 2017 intitulado Lula réu, Lula candidato, sob a autoria de Eugênio Bucci.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O presente estudo segue sustentado no quadro teórico-metodológico do ISD, desenvolvido por Jean-Paul Bronckart (1999; 2006; 2008) e outros pesquisadores da Universidade de Genebra. O ISD é classificado como uma corrente psicológica da linguagem, inserida no conceito vigotskiano¹ de interacionismo social. No campo das Ciências Humanas, o ISD recebeu influências de outras correntes como a análise de gêneros do discurso, de Bakhtin/Volochinov (1979/1992), e, no método de análise, recebeu influências da teoria do Agir Comunicativo de Habermas (1984), entre outras.

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é um movimento que se desenvolveu a partir do Interacionismo como resultado de vários estudos de autores, por exemplo, Vigotski e Mead. De acordo com os fundamentos teóricos, a ISD defende que os processos de estruturação cultural e os processos de auto-estruturação são os dois lados inseparáveis da mesma questão: o processo de desenvolvimento humano. Ao contrário de *comtiano* e *pós-comtiano* epistemologia positivista, o movimento ISD acredita que deveria haver apenas uma ciência, e se esforça para desenvolvê-la. A especificidade do projeto ISD vem do papel central atribuído à linguagem. Assim, pesquisas nesta área têm como objetivo demonstrar o papel crucial da linguagem no desenvolvimento do pensamento consciente ou demonstrar o papel que a linguagem assume nos estágios posteriores do desenvolvimento as áreas epistêmicas e praxeológicas desse mesmo desenvolvimento (LISBON, 2007, p. 1).

Para o ISD, o texto é uma unidade de produção de linguagem, ou seja, é a forma como a linguagem se materializa. Sendo assim, produzir linguagem é produzir textos. E o ensino da produção textual pode ter nos gêneros orais e escritos seu grande instrumento. Na verdade, Schneuwly (2004, p. 20) afirma que “o gênero é um instrumento”, e tendo em Rabardel seu apoio teórico, Schneuwly defende que o instrumento tem duas faces: de um lado, temos o produto material que existe fora do sujeito e, do outro lado, o próprio sujeito, aquele que articula as diversas possibilidades às situações de ação. Dialogicamente, o ISD retoma o conceito de apropriação de instrumento como transformador da atividade, o que se faz vital ser apropriado pelo sujeito. O gênero, como instrumento, torna-se eficaz à medida que se constroem os esquemas de utilização pelo sujeito.

É pertinente enfatizar que a principal característica que distingue o ISD de outras correntes interacionistas é o fato de nesse a linguagem ser tida como sendo o principal vetor do desenvolvimento humano. Ato que é relatado por Bronckart (1999) ao afirmar que no ISD a linguagem é uma espécie de processo de negociação e de estabelecimento de acordos nas representações sociais, sobre as atividades seguiram os homens envolvidos, servindo esse como instrumento de avaliação de atividades.

¹ Esse conceito deriva de entendimento de Lev Semyonovich Vigotski (em russo Лев Семёнович Выготский, transliteração: Lev Semyonovich Vygotskij, sendo o sobrenome também transliterado como Vigotski, Vygotski ou Vygotsky) o qual nasceu em 17 de novembro de 1896 em Moscou e faleceu em 11 de junho de 1934 em Moscou em decorrência de complicações da tuberculose. Vigotski foi um psicólogo, proponente da Psicologia cultural-histórica. Pensador importante em sua área e época, descoberto pelos meios acadêmicos ocidentais muitos anos após a sua morte, sendo esse pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

Define o ISD como “teoria sobre o desenvolvimento humano”, pois se preocupa com as características discursivas e sociais que constituem o ser humano em suas ações cotidianas. Recebe o nome de Interacionismo Sociodiscursivo por ser proposta para “estudar as condições de emergência e de funcionamento do pensamento consciente, tomando como unidade de análise a ação de linguagem, individual e socialmente situada” (BRONCKART, 2006. p. 9).

Seguindo, Bronckart (1999) aponta seus estudos para a concepção de gênero textual apresentando-os através da corrente do ISD que é baseada no pensamento bakhtiniano sobre gêneros discursivos. Esse pensamento defende que diferentes tipos de enunciados, sendo representados por certa estabilidade em sua organização, conteúdo temático e estilo, são construídos ao longo da história humana, de acordo com as mais variadas atividades sociais e necessidades do indivíduo. Nessa concepção, os enunciados² podem ser caracterizados por um formato padrão relativamente estável sob o ponto de vista temático, composicional e estilístico, embora a estabilidade não seja a característica mais importante porque os gêneros estão em constante variação, em virtude das necessidades de suas esferas de produção e circulação, uma vez que são constituídos sócio-historicamente. Porém, Bronckart (1999) renomeia esse conceito de gênero de texto, justificando que é através de textos que o agir linguageiro acontece. Para o teórico, qualquer texto pode ser objeto de interpretação do agir humano. Esses textos são unidades comunicativas organizadas em nível superior a fim de veicular uma mensagem de pensamento consciente humano a fim de produzir um efeito de coerência sobre o destinatário. Por isso o ISD entende o texto como sendo uma unidade de produção de linguagem, ou seja, é a forma como a linguagem se materializa, lembrando que a materialização da língua acontece por meio da corrente de gêneros textuais (MACHADO, 2004).

Em se tratando do estatuto e das condições de constituição do pensamento consciente humano, Bakhtin (2004) desenvolveu a relação entre discurso interior, unidade semiótica e ideologia. Contrariando a tese central do chamado subjetivismo individualista, segundo a qual a linguagem serviria apenas para expressar um conteúdo de ordem interior (mera transmissão do pensamento), o autor defende que “o pensamento não existe fora de sua expressão potencial e consequentemente fora da orientação social dessa expressão”, de modo que “fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção” (BAKHTIN, 2004. p. 117-118). No pensamento bakhtiniano, expressão e atividade mental exercem, entre si, um movimento dialético: a expressão não é somente resultado de uma consciência semioticamente constituída como também atua sobre essa atividade mental, estruturando a vida interior (VEÇOSSO, 2014. p. 7).

De acordo com essa corrente, os gêneros de textos agem como instrumentos que possibilitam a mediação do homem com a situação/objeto de intervenção; ato esse que foi descrito por Cristóvão e Nascimento (2006. p. 38) como sendo “às unidades psicológicas que são as ações de linguagem”, as quais são produzidas a partir de um repertório de modelos pré-existentes.

² A existência de um enunciado exige pelos menos um locutor e um interlocutor. Fiorin (1996. p. 41) nos relata sobre a reversibilidade de papéis em uma comunicação: “o eu existe por oposição ao tu e é a condição do diálogo que é constitutiva da pessoa porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis eu/ tu”. O “eu” não se refere propriamente a uma pessoa, mas a qualquer parte do discurso em que este pronome denomine-se locutor.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2005), para o ensino de uma língua, faz-se necessário um modelo didático adequado que conduza a transposição didática dos gêneros textuais. O aluno somente apropriar-se-á de um gênero de texto se encontrar necessidade deste artefato em seu agir verbal. O artefato, então, se tornará um instrumento a partir do momento em que o sujeito toma este gênero para finalidade própria (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006). De acordo com Bronckart (2012), ao produzir um texto, o agente precisa mobilizar representações por meio de sua memória discursiva, as quais influenciarão os aspectos pragmáticos da organização textual – o conteúdo temático ou referente, assim sendo, o agente produtor de um texto precisa mobilizar capacidades linguageiras.

Dolz e Schneuwly (2005) classificam estas capacidades em três níveis: de ação, discursivas e linguístico-discursivas. A capacidade de ação compreende o contexto de produção de um gênero – a esfera social de circulação, quem escreve, quem lê, objetivos do texto e o gênero. A capacidade discursiva refere-se ao plano global do texto, tipos de sequências e tipos de discursos. Por fim, a capacidade linguístico-discursiva abrange a inserção de vozes, modalizações, conexão, coesão verbal, coesão nominal e gramática. É importante ressaltar que, os mecanismos de coesão são diferentes, pois variam de acordo com o gênero de texto. Justifica-se, então, a importância de trabalhar gêneros textuais na escola.

No que tange ao gênero textual escolhido como *corpus* para este trabalho, o artigo de opinião conta com um público bastante seletivo que quer formar opinião sobre determinado assunto. Assim sendo, as capacidades de linguagem assumem papel importante na construção e interpretação deste gênero.

2.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA E ARTIGO DE OPINIÃO

Toda produção humana é determinada por aspectos essenciais como: existência de necessidade, finalidade, estabelecimento de um plano de atividade, produção de operações específicas para cada ação e dependência permanente da situação em que se produz a atividade (KOCH, 2003). A produção de uma SD é um dos afazeres do profissional de educação atuante em sala de aula para garantir a aprendizagem de gêneros textuais, por exemplo.

É fato que o trabalho com gêneros textuais começou a fazer parte da vida escolar no final da década de 90. Mas é posterior a essa década que Rojo (2004) traz para os Parâmetros Curriculares Nacionais o texto como unidade de ensino e, os gêneros, por sua vez, como objetos por várias razões:

- Possibilitar a prática de leitura e escrita, além de permitirem análise linguística;
- Viabilizar ao aluno formação cidadã;
- Tornar concreta a perspectiva enunciativa em aulas de Língua Portuguesa;
- Trazer as noções estruturais e linguísticas da língua;
- Oferecer suporte para renovação curricular dentro da escola.

O Grupo de Genebra³ propõe a SD como instrumento possível à transposição didática de modelos de gêneros textuais:

[...] unidade de trabalho escolar, constituída por um conjunto de atividades que apresentam um número limitado e preciso de objetivos e que são organizadas no quadro de um projeto de apropriação de dimensões constitutivas de um gênero de texto, com o objetivo de estruturar as atividades particulares em uma atividade englobante, de tal forma que essas atividades tenham um sentido para os aprendizes. [...]. (MACHADO, 2000, p. 7).

Tomando como pressuposto de que tudo que o aluno aprende em sala é resultado de transposições didáticas (PERRENOUD, 2002), vistas aqui como rupturas necessárias, (des)contextualizações, esquematizações, podemos ter no artigo de opinião a oportunidade de ensinar o aluno a refletir sobre os elementos coesivos escolhidos pelo autor do artigo.

O uso da linguagem é, em sua essência, argumentativo, pois sempre temos objetivos a serem atingidos, relações a serem estabelecidas, comportamentos que provocamos e reações diversas que esperamos a partir de uma ação sobre o outro. De acordo com Barbosa (2006), a necessidade de trabalhar o gênero artigo de opinião na escola parte do pressuposto que os temas envolvidos neste tipo de texto são de interesse coletivo. Dessa forma, quem lê, compreende e produz tal gênero, interage com o mundo, sem estar alheio às situações que o cerca. Um artigo de opinião pertence à esfera jornalística que interessa a leitores que querem formar opinião sobre um assunto polêmico, sendo assim um gênero que busca convencer, influenciar ou transformar seus valores através de argumentos refutáveis.

Bronckart (2012) postula que o texto é composto de três camadas: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Estas camadas possibilitam o entendimento da organização textual. A primeira camada compreende o plano geral de organização textual como: conteúdo, tipos de discurso e suas articulações, e tipos de sequências textuais. A segunda camada, que compreende os mecanismos de textualização, é subdividida em conexão (organizadores textuais), coesão nominal (organização e manutenção temática) e coesão verbal (organização temporal e/ou verbal). A terceira e última camada engloba modalizações e inserção de vozes no discurso que denotam aspectos valorativos e de responsabilidade enunciativa.

A estrutura composicional compreende a tese, argumentos lógicos, conclusão e contra-argumentos. O conteúdo apresenta três movimentos: sustentação, negociação e refutação. Quanto aos aspectos linguístico-discursivos, estes referem-se à organização do enunciado em terceira pessoa. O tempo verbal é basicamente presente do indicativo ou subjuntivo para realização de movimentos argumentativos, inserção de vozes e citações, além de operadores argumentativos - uso de aspas para indicar ironia, uso de modalizações para indicar valores do autor – que são responsáveis pelo convencimento ou não do leitor.

Ao tomarmos Bronckart (1999) como representante maior do ISD, destacamos sua proposta de modelo de análise de textos pautada nas ações de linguagem as quais oferecem um contexto de

³ O Grupo de Genebra compreende pesquisadores franceses que, à luz bakhtiniana, propõe o ensino de língua através de gêneros textuais, a fim de desenvolver competência de leitura e escrita.

produção citado da seguinte forma: “o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado” (BONCKART, 1999, p. 93).

2.2 COESÃO SEQUENCIAL: RELAÇÕES DISCURSIVO-ARGUMENTATIVAS

Abordaremos nesta sessão, um elemento marcante para a composição da textualidade: a coesão. Na concepção de Koch e Travaglia, a coesão pode ser entendida como

[...] ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos de constituem a superfície textual. Ao contrário da coerência, que é subjacente, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, o que lhe dá um caráter linear, uma vez que se manifesta na organização sequencial do texto. [...]. (KOCH; TRAVAGLIA, 2012 apud ARANTES, 2014)

Apresentaremos primeiro o conceito de coesão. De acordo com Koch (2010), a coesão textual refere-se à interdependência entre elementos linguísticos formando sequências necessárias para formar sentido dentro de um texto, por exemplo, ideia de oposição, finalidade, consequência, explicação entre outros. Já o processo de sequenciação refere-se ao uso de recursos linguísticos capazes de estabelecer tipos diversos de relações semânticas ou pragmáticas que acontecem concomitantemente à progressão textual.

De acordo com Citelli (1994), é difícil pensar a progressão de ideias, a exposição de pontos de vista sem a ligação sintática e semântica, já que a tessitura de um texto se faz a partir das relações entre palavras, entre frases e entre parágrafos. Os articuladores discursivo-argumentativos constituem papel importante na compreensão e na produção de um artigo de opinião, concatenando atos de fala particular, caracterizando, assim, relações discursivo-argumentativas que podem ser: contrajunção, justificativa, explicação, comprovação, dentre outras. Elementos de coesão não funcionam apenas para relacionar ideias, mas também definem ordens de sentido – levam à conclusão, à aversão, estabelece causa e consequência.

Os operadores linguístico-discursivos são responsáveis por estabelecer relações pragmáticas, retóricas ou argumentativas, aos que Koch (2003) chama de *encadeadores do discurso*. A escolha errada de um operador argumentativo pode provocar efeito de sentido oposto aquele desejado pelo autor. É de extrema importância que as atividades de escrita elaboradas pelo professor deem enfoque a essas reflexões, a fim de mostrar aos alunos o poder da argumentatividade.

3 ATIVIDADE ESCRITA DE SEQUENCIAÇÃO: UMA PROPOSTA DENTRO DE UMA SD

Muito é ensinado nas aulas de Língua Portuguesa acerca de palavras e seus usos, através de leitura e comparação de textos, mas pouco é explorado na escrita com os alunos, o que, além de tornar a modalidade escrita um assunto vago, potencializa a dificuldade em formar discentes com opiniões

crítico-interpretativas. Partindo do pressuposto que toda linguagem é interpretativa, a escolha lexical demonstra as interpretações que o autor tem do objeto de que fala. Em um artigo de opinião, isso se evidencia ainda mais, pois o autor expõe posicionamento e opiniões, o que, para isso, precisa utilizar mecanismos de coesão.

A formação do leitor crítico inicia-se no âmbito escolar, passando pela mediação do professor e desenvolvida ao longo da vida. Nesse sentido, quando o professor toma a Gramática como livro didático e não adapta atividades escritas para a formação de um leitor/escritor proficiente, as palavras ficam presas a uma tabela de classificação: verbos, advérbios, adjetivos, substantivos, numerais, artigos entre outras. Ao propor exercícios escritos de coesão, o professor coloca para o aluno uma situação de construção de capacidade linguístico-discursiva que se dá ao escolher um léxico adequado para completar um período, possibilitando uma melhor elaboração de um enunciado.

Na atividade que está sendo proposta neste artigo, trabalharemos coesão sequencial tendo como suporte didático a SD elaborada por Barbosa (2006). Esse material desenvolve o processo de construção e produção de artigo de opinião e é apresentado da seguinte forma:

- Carta ao leitor, em que há uma “conversa” com os professores sobre a viabilidade de tal material em sala de aula e deixa claro que não se trata de um compêndio escolar, mas uma oportunidade de melhoria da competência leitora dos alunos;
- Atividade 1, na qual encontramos uma seleção de artigos opinativos para que os alunos possam fazer reconhecimento do gênero;
- Atividade 2, cujo tema é o conteúdo de artigos de opinião, mais especificamente as questões polêmicas;
- Atividade 3 trata da produção inicial de um artigo de opinião, o que dentro de uma SD seria uma avaliação diagnóstica para que o professor tome conhecimento do que o aluno já sabe e o que ainda precisa aprender;
- Atividade 4 traz os aspectos do contexto de produção do gênero em questão;
- Atividade 5 dedica-se a apresentar as várias vozes que circulam em um artigo de opinião;
- Atividade 6 aponta os organizadores textuais e sua função;
- Atividade 7 aborda os tipos de argumento;
- Atividade 8 versa sobre o movimento argumentativo;
- Atividade 9 explora a estrutura do gênero aqui estudado;
- Atividade 10 sugere a devolução dos primeiros artigos produzidos pelos alunos;
- Atividade 11 traz o aprofundamento da discussão sobre o tema escolhido;
- Finalmente, a atividade 12 propõe a reescrita do artigo de opinião, junto a uma tabela para avaliação pelo próprio aluno, a fim de verificar melhorias.

Daremos aqui especial atenção à atividade que explora os organizadores textuais enquanto procedimentos linguísticos necessários à sequenciação de ideias em um texto e que são responsáveis por estabelecer progressão temática. A sequência é composta de 5 páginas em que Barbosa (2006) traz atividades de leitura em coesão sequencial, mas não de produção escrita. Em uma das atividades, são

dados dois trechos adaptados de um artigo opinativo em há a sugestão de preenchimento de lacunas a partir de organizadores textuais dados previamente, tratando-se, portanto, de uma atividade de leitura que não gera reflexão crítica pelo aluno.

Em outro momento, o material traz uma nota publicada em uma revista de circulação nacional para que o aluno identifique os organizadores textuais ali usados e indique sua função naquele dado contexto. Entre uma atividade e outra, Barbosa (2006) coloca questões de leitura e reflexão para que o aluno perceba o uso daqueles elementos linguísticos. Para finalizar esta parte da sequência, há mais dois trechos pedindo que o aluno exemplifique o tipo de relação entre as partes do texto, deixando claro o que está implícito. Percebendo a ausência de atividades escritas que contemplem a produção escrita, reflexiva e crítica do aluno, sugerimos a inclusão de um artigo opinativo com tema polêmico bem atual que trata da possibilidade de recandidatura do ex-presidente Lula. O artigo em questão foi escrito por Eugênio Bucci para a Revista *Época* em abril de 2017.

Retomando os objetivos centrais deste trabalho, sugerimos questões que irão fornecer aos alunos reflexão sobre a escolha lexical e conseqüente desenvolvimento de capacidade linguístico-discursiva através de uso de organizadores textuais. O trecho retirado do artigo para a atividade em sala de aula foi selecionado com base em toda a discussão já apresentada sobre a real necessidade e importância de propor exercícios que, além de englobarem habilidades do Enem, desenvolvam competências para produção argumentativa em qualquer esfera textual, seja discurso oral ou escrito.

Segue abaixo o trecho que pertence ao artigo Lula réu, Lula candidato (em anexo). Vale salientar que tal parte foi selecionada porque contém elementos coesivos de sequenciação essenciais à manutenção de progressão temática.

Embora os defensores da candidatura Lula se situem mais ou menos à esquerda, a tese tem chances reais de seduzir adeptos mais para o centro. Mesmo entre aqueles que criticam Lula – **ou** porque o consideram uma “decepção ética” **ou** porque veem nele um populista vulgar e irresponsável – há os que já se mostram sensíveis à ideia. Alguns desses já avisam que não votarão no ex-presidente, **mas** alertam que os milhões de brasileiros que gostaram dos governos Lula entre 2003 e 2010, e agora, como mostram as pesquisas, querem que ele volte, vão se sentir excluídos do processo eleitoral **caso** ele não seja candidato. Na quinta-feira, dia 20, uma pesquisa do Ibope, feita antes da divulgação da delação da Odebrecht, mostrou que a rejeição ao nome de Lula vinha caindo. **Por isso**, a ausência do nome de Lula na cédula de 2018 retiraria legitimidade do pleito. Quem quer que viesse a ser o vencedor seria um vencedor enfraquecido desde o dia da vitória.

Neste trabalho, tomaremos como enfoque o encadeamento por conexão que acontece quando usamos conectores de tipos diversos. Cabe ao professor propor a leitura do artigo em sua totalidade, dar enfoque a este parágrafo e, aos alunos, identificar os elementos coesivos, denominados na gramática como conjunções. Os exemplos encontrados no artigo de opinião selecionado como *corpus* para este trabalho são classificados assim:

- 1) Indicador de contrajunção: embora, mas
- 2) Indicador de disjunção: ou...ou

- 3) Indicador de causa: porque
- 4) Indicador de condição: caso
- 5) Indicador de conclusão: por isso

Agora, seguem as questões propostas para obtenção de resultados sobre os objetivos deste trabalho.

Questão 1. Ao usar o elemento linguístico *embora* (linha 1), que relação sintático-semântica o autor do texto estabelece no período?

Questão 2. Agora, reescreva o mesmo período substituindo o conector em destaque por outro que não altere o sentido argumentativo.

Questão 3. Localize no trecho o período em que consta um indicador de condição. Como esta oração poderia ser reelaborada sem mudança de efeito de sentido proposto pelo autor?

Questão 4. Complete as lacunas usando as palavras em destaque do trecho retirado do artigo. Caso não encontre conectores que estabeleçam relação semântica, justifique qual deveria ser usado e por quê.

As chances de Lula ser candidato e sair vitorioso são enormes, _____ muitas pessoas que o escolheram nas primeira e segunda candidatura também o querem em 2018. _____ alguns não devam votar nele, estes não farão muito burburinho – estão em número bem menor que os propensos a elegerem tal candidato. O próximo ano eleitoral vai ser assim para Lula: _____ vai _____ racha! _____ de manter o Brasil sob o domínio petista por mais alguns anos, é preciso colocar a cara para bater.

Questão 5. Existe no trecho retirado do artigo *Lula réu*, *Lula* candidato um indicador que não está em destaque propositalmente. Ele tem por função indicar causa. Localize-o, destaque-o e elabore um parágrafo com a mesma temática em discussão utilizando este elemento semântico indicando a causa pela qual o candidato *Lula* é criticado por muitos.

As atividades propostas buscam desenvolver as capacidades linguístico-discursivas e de observação sobre o papel que os elementos discursivos exercem em uma dada produção textual e o quanto a escolha destes conectores podem comprometer a coerência de um texto. Considerando o aluno um sujeito reflexivo, entendemos que essa atividade permitirá uma efetivação de conhecimentos adquiridos e possível de serem aplicados para futuras produções de textos de opinião.

Uma possível avaliação ao final da SD proposta, poderia ser a criação de um artigo de opinião pelos alunos acerca de temas em tom de polêmica nos últimos meses. O professor deve criar junto aos alunos uma rubrica comum de avaliação, para que os próprios autores sejam capazes de se auto avaliarem, chegando à conclusão se conseguiram se apropriar de mecanismos textuais para suas produções. Geralmente, o aluno do 3º ano do Ensino Médio presta o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ao final do período letivo. De posse disso, faz-se relevante criar atividades que contemplem uma das principais habilidades requeridas pela avaliação: demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de argumentação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor uma atividade para compor uma SD para o ensino de um gênero textual, como é o artigo de opinião, precisa ir além de atividades de leitura. É indispensável a utilização de atividades que promovam a escrita, mas não apenas para responder questões sobre um dado texto, mas para capacitar o aluno a pensar como a escolha de um sintagma pode determinar toda a orientação argumentativa em um gênero opinativo. De acordo com o Grupo de Genebra, a SD deve partir do simples para o

complexo, ou seja, o professor jamais deve iniciar suas atividades em classe trazendo definições de termos. O ideal é que, ao propor diversificação de atividades, os alunos percebam o uso e a finalidade de termos da língua e, assim, cheguem à nomenclatura.

O autor de um artigo de opinião busca a atitude responsiva do seu leitor através de argumentos refutáveis que vão cair no gosto deste ou não. Questões controversas constituem características próprias do que vem a ser um texto opinativo. Ao produzir este gênero, o autor dispõe-se a antecipar de que lado o leitor está para, então, apresentar, em sua estrutura textual, argumentos discutíveis.

As atividades escritas aqui propostas devem levar o aluno a perceber o quão se faz importante a escolha lexical na produção de um texto argumentativo, repensando o encadeamento sintático-semântico. A progressão discursiva permite que o leitor deduza a tese que está sendo defendida e as regras sintáticas ordenam a lógica textual dando efeito de causa e consequência, finalidade, oposição entre outros. O uso de conectivos está envolvido diretamente com a construção de esquemas argumentativos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, E. *O papel das anáforas encapsuladoras na produção textual: da teoria à prática pedagógica*. Taubaté, São Paulo: 2014

BARBOSA, J.P. *Sequência didática artigo de opinião*. São Paulo: Secretaria do Estado de Educação de São Paulo, 2006. Circulação restrita.

BRONCKART, J. P. *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012

CITELLI, A. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994

CRISTOVÃO, V. L. I.; NASCIMENTO, E. L. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, Acir Mário et al. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005, p. 41-70.

KOCH, I. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 22ª ed., 2010.

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Ed. Contexto, 6ª ed., 2003.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 131-134.

MACHADO, A. R. Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 1-26, 2000.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 237-259.

MACHADO, A. R.; CRISTÓVÃO, V. L. L. *A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros*. *Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD – Tubarão*, v.6, n.3, p. 547- 573, set/dez. 2006.

PERRENOUD, P. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ROJO, R. *A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino de compreensão e produção de textos na escola*. In: BRAIT, B. (Org.) *Estudos enunciativos no Brasil: história e perspectivas*. São Paulo: EDUSP, 2004.

Anexo

Lula réu, Lula candidato

Os crimes de Lula serão ofuscados pela alegação de que há um “golpe” para impedir sua candidatura
EUGÊNIO BUCCI

27/04/2017 - 12h15 - Atualizado 27/04/2017 12h33

Será que, para salvar a democracia brasileira, é preciso que Luiz Inácio Lula da Silva seja candidato à Presidência da República em 2018? Se a pergunta parece absurda a seus ouvidos, é melhor ir com calma. Para muita gente, e não estamos falando só daqueles que ainda levam a sério o Partido dos Trabalhadores, essa candidatura é de interesse público, mais do que de interesse partidário. Muitos acreditam que, se Lula não estiver na cédula no ano que vem, a representatividade das próximas eleições vai escorrer pelos bueiros e, depois disso, a nação cairá nos braços fumegantes do caos.

Embora os defensores da candidatura Lula se situem mais ou menos à esquerda, a tese tem chances reais de seduzir adeptos mais para o centro. Mesmo entre aqueles que criticam Lula – ou porque o consideram uma “decepção ética” ou porque veem nele um populista vulgar e irresponsável – há os que já se mostram sensíveis à ideia. Alguns desses já avisam que não votarão no ex-presidente, mas alertam que os milhões de brasileiros que gostaram dos governos Lula entre 2003 e 2010, e agora, como mostram as pesquisas, querem que ele volte, vão se sentir excluídos do processo eleitoral caso ele não seja candidato. Na quinta-feira, dia 20, uma pesquisa do Ibope, feita antes da divulgação da delação da Odebrecht, mostrou que a rejeição ao nome de Lula vinha caindo. Por isso, a ausência do nome de Lula na cédula de 2018 retiraria legitimidade do pleito. Quem quer que viesse a ser o vencedor seria um vencedor enfraquecido desde o dia da vitória.

Concordemos ou não com a tese, recomenda-se não desprezá-la. A proposta vai dominar a agenda

nacional nos próximos meses, com toques de tragédia tropical. O discurso do “golpe”, que arrastou corações apaixonados durante o processo que cassou o mandato de Dilma Rousseff, vai voltar com força considerável. A Operação Lava Jato, na qual Luiz Inácio Lula da Silva é réu em condições cada vez mais funestas e mais vexatórias, será retratada com um prolongamento do “golpe” que cassou Dilma Rousseff em 2016. Dirão que o único propósito da Lava Jato não é investigar, julgar e punir corruptos e corruptores, mas construir um cenário jurídico que dê bases legais para cassar por antecipação a candidatura de Lula em 2018. A Lava Jato vai ser chamada de segundo capítulo do “golpe” de 2016. A primeira vítima foi Dilma, dirão de dedo em riste, e a segunda é a carreira política do padrinho que a elegeu. Com base nisso, os defensores da candidatura advertirão: sem Lula na disputa, a democracia brasileira sairá debilitada, desacreditada e até inviabilizada, pois perderá seu lastro de confiança. Por trás da retórica um tanto heroica, a engrenagem eleitoral será impulsionada pelo motor pragmático do Direito Penal. A estratégia da defesa jurídica do réu Luiz Inácio Lula da Silva, implicado de corpo inteiro na Lava Jato, alimentará o ânimo do palanque eleitoral do candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Quanto mais a tese da candidatura progredir, melhor para a defesa do réu. Lula passará a ser tratado como um preso político ou como um quase preso político. Os crimes de que ele é acusado perderão visibilidade, serão ofuscados pela alegação de que há um “golpe preventivo” em marcha para impedi-lo de se candidatar. Nesse discurso, todas as delações, todas as provas, todas as páginas do processo serão reduzidas a um reles pretexto de um golpe contra os eleitores de Lula. Quanto mais gente acreditar que a candidatura Lula terá o condão de funcionar como um atestado de legitimidade das eleições de 2018, maior será o custo político que o juiz Sergio Moro terá de pagar se decidir mesmo condená-lo à prisão. Quanto mais candidato for, menos réu Lula terá de ser.

Aí você pergunta: por que o candidato em 2018 precisa ser ele, Lula? Por que tanto personalismo? Por que não alguém mais jovem, sem as manchas deixadas pelas delações premiadas dos donos e dos executivos dessas empreiteiras que compraram quase todo mundo de 30 anos para cá? Por que Lula não dá seu apoio a um nome mais limpo? Isso não seria suficiente para que os eleitores que gostam dele se sintam representados? Por que o PT não aproveita o momento para renovar suas lideranças, como o PSDB parece que vai fazer?

A resposta a essas perguntas talvez nos constreña, porque talvez sugira que o colossal empenho coletivo para que Lula entre na cédula está a serviço de uma estratégia advocatícia para evitar que Lula entre na cela. Vista por esse ângulo, a candidatura de Lula em 2018 não seria um projeto político, mas um atalho concebido no tabuleiro dos tribunais. A hipótese pode soar antipática, mas não a descartemos de cara. Onde está a verdade nesse jogo? Os próximos meses dirão.

Viviane Pinho da Silva

Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – Bahia. Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Professora da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, PEBII. Atualmente, professora de Língua Inglesa na Educação Infantil em sistema bilíngüe de ensino. *E-mail*: vimir02@gmail.com

Enviado em 15/02/2018.

Aceito em 30/03/2018.